

AZENHAS DO RIO NEIVA

Por JOÃO D'ALPUIM BOTELHO *

*«Corren lágrimas justas sin parar
mientras Neiva también corre a la mar»*
Sá de Miranda — Écloga Célia

A proposta de um passeio pelas margens do rio Neiva para conhecer as suas azenhas resulta de um reconhecimento destes impressionantes complexos semi-industriais que, em poucas décadas, deixaram de ter um lugar muito importante na vida da comunidade, onde o moleiro tinha um papel e um estatuto respeitável, para uma situação de ruína para os edifícios e de total esquecimento para os moleiros.

A área escolhida para o estudo foi o último troço do rio Neiva, entre a ponte de Fragoso e a Foz, numa distância de cerca de 10 km.

A esta tarefa depressa se levantaram dificuldades bastantes maiores do que o previsto, porque o estado de ruína e abandono das azenhas — ou a sua adaptação a outras funções, como a habitação — e os quase inacessíveis locais em que algumas estão tornaram esta missão muito espinhosa (no verdadeiro sentido da palavra).

Assim, optámos por fazer um inventário do estado e características de todas as azenhas deste troço, para depois estudarmos em pormenor aquela que melhor mantém as características originais, a Azenha do Minante (que será feito no próximo tomo)

* Licenciado em História. Técnico Superior da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Docente da Cadeira de Património e Museologia do Curso Superior de Turismo da Escola Superior de Tecnologia e Gestão-IPVC. Não posso deixar de referir a colaboração amigável do Sr. Manuel Delfim Pereira, presidente de A MÓ, Associação do Rio Neiva, na correção de algumas imprecisões e no entusiasmo com que prestou informações utilíssimas.

No local, muitas vezes, ficou-nos um certo sabor a frustração e tristeza perante os edifícios abandonados e cobertos de silvas a que os sucessivos invernos vão roubando pedras. As pedras cobertas de musgo transportam-nos para um ambiente carregado de romantismo, mas lembram também episódios de grande dureza do quotidiano das populações e da sua vida económica.

Esta situação de abandono é tanto mais confrangedora quanto a azenha é um exemplo da perfeita adequação e respeito que pode haver entre a tecnologia e o meio natural.

O RIO NEIVA

O rio Neiva nasce na serra do Oural (freguesia de Godinhaços, Vila Verde), corre para OSO e desagua no Atlântico, na divisão entre as freguesias de Castelo do Neiva e S. Paio d'Antas, numa extensão de cerca de 40 quilómetros. É um dos rios de maior caudal do Alto Minho, a seguir ao Minho e ao Lima.

Na parte final do seu percurso atravessa e faz fronteira entre os concelhos de Barcelos, Viana e Esposense, atravessando uma paisagem tipicamente minhota. O vale do Neiva tem aqui encostas suaves, permitindo uma grande extensão de campos de cultivo nas suas margens. A «fábrica» não tem grande implantação, pelo que a agricultura ainda é a principal actividade da população. É esta actividade que as azenhas complementam transformando os produtos agrícolas (cereal, linho, madeira).

A azenha foi sinónimo de uma melhoria de vida da população e dos seus hábitos alimentares:

«*Mal poderiam os homens abandonar as bolotas no sustento ordinário e substituir-lhes o pão se não tivessem primeiro inventado as máquinas e artificios de preparar a farinha*» (Sousa Viterbo, *Elucidário*).

A possibilidade de dispensar uma parte da produção para pagar a maquia, bem como a possibilidade de o moleiro não se dedicar ao cultivo da terra, mas de viver da transformação dos produtos dos outros significa que há um excedente de produção suficiente para lhe pagar... e um pagamento que nem sempre era pequeno, como o povo ironizou nas suas cantigas:

*Menina se quer usar
Sapatinho de veludo
É casar com um moleiro
Que a maquia dá para tudo*

*Estes moleiros de agora
Estão todos combinados
Quando falam ao freguês
Já têm o sacco roubado*

*Não quero amar o moleiro
Que é ofício de ladrão
Ao morrer vai para o inferno
Leva a maquia na mão*

(Gonçalves, 1992)

De facto o povo nunca viu com bons olhos estes tratos de quem, sem pôr as mãos na terra, arranjava maneira de ir buscar uma parte do seu trabalho, talvez por isso muitas vezes os moinhos de água eram comunitários: construções pequenas, de rodízio em que a comunidade moía o seu cereal em dias fixados e tratava em conjunto da sua manutenção. Não é, o caso destas azenhas do Neiva, grandes construções de rodas verticais, mais poderosas e rápidas, a mostrar uma tendência para a rendibilização do negócio e uma certa «industrialização».

Para termos uma ideia da forte ligação da população ao rio, podemos dizer que nestes cerca de 10 km finais do rio encontramos 29 azenhas servidas por 22 açudes e 10 pontes; estão referenciados para a totalidade do rio cerca de 150 azenhas servidas por 95 açudes e 38 pontes.

Infelizmente esta ligação parece estar a perder-se, como se pode depreender do facto de a maioria destes açudes já não servir de nada por as azenhas estarem em ruínas, e de as pequenas pontes de pedra e os caminhos que as serviam estarem a ser abandonadas.

Se a primeira ideia que tivémos foi a de uma grande proximidade entre a população e o rio, ao analisarmos a situação actual destes 29 engenhos as conclusões a tirar são necessariamente outras:

4 azenhas em funcionamento

7 com utilização diversa, como a habitação

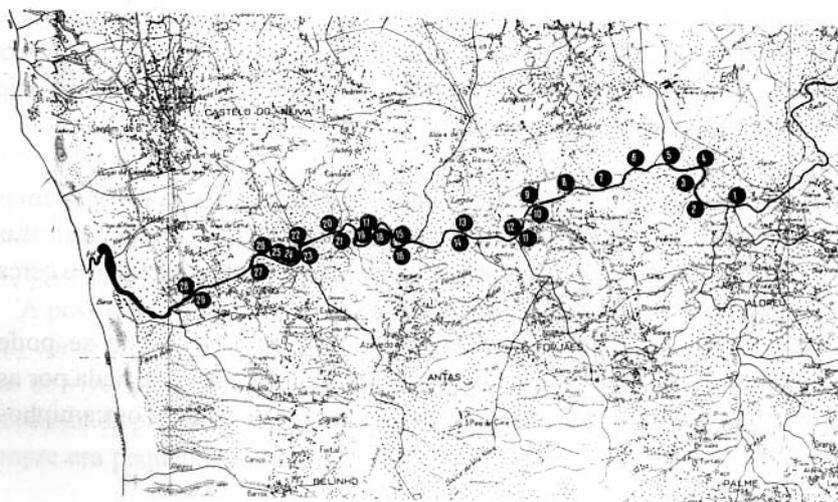
18 em ruínas

e ainda das 9 pontes, das quais só estão 6 em bom estado.

A habitação foi uma forma de preservar, embora com alterações por vezes dramáticas, os edifícios. Os maquinismos desapareceram. Muitas vezes as azenhas estão em locais afastados e de difícil acesso, até porque o automóvel não vai a todos os locais onde o burro ía, e então o abandono e a ruína foi o seu destino, sendo mesmo difícil de aceder a algumas

Outra condicionante ao seu uso como habitação é o facto de muitas vezes estarem em zonas de cheia, o que impossibilita a sua utilização no Inverno.

Analisemos então de uma forma mais detalhada a situação de cada azenha, com a certeza de não sermos capazes de transmitir os estados de espírito que sentimos ao fazer as visitas, que foram desde o maior entusiasmo pela aproximação ao açude, com o seu som característico de água a correr, à desilusão das ruínas e dos maus tratos observados... Voltamos a lembrar o poeta quando diz que "correm lágrimas justas" enquanto o Neiva continua a "correr a la mar".



1. AZENHA DO TRIGO, ou Palhurdo (Fragoso, Barcelos)

Esta azenha está a ser usada como habitação, não tendo sido possível o acesso até junto do edifício.

O açude é de grandes dimensões e tem ainda uma ponte de pedra a unir as duas margens.

O seu nome parece indicar ser uma azenha especial para moer o trigo, cereal considerado rico nesta região de milho (quando aqui o povo fala de pão, refere-se sempre ao pão de milho ou brôa, sendo o pão normal de hoje conhecido como «trigo»).

Existia também um engenho de linho ocasional, numa dependência provisória de madeira.



Azenha do trigo, adaptada a habitação

2. «AZENHA» DA CALÇA (Madorra, Forjães, Esposende)

Não vem referenciada na carta militar, pelo que é posterior a 1948. É uma construção em cimento, de pequenas dimensões, com a particularidade de ter a roda de metal que funciona para a tiragem de água para a Quinta da Calça.

O Açude que a serve foi construído para uma azenha de que só sobram algumas pedras, e que terá deixado de funcionar há mais de 70 anos



Engenho para tirar água para a Quinta da Calça

3. AZENHA DA PONTE ou do Guincho (Pedreira, Forjães, Esposende)

A principal característica desta azenha é a proximidade de uma ponte que a une à outra margem, com cerca de 60 metros de comprimento com a largura de quatro lages, cerca de três metros. É a maior ponte que encontramos neste troço e não temos notícia de haver outra desta envergadura no Neiva.

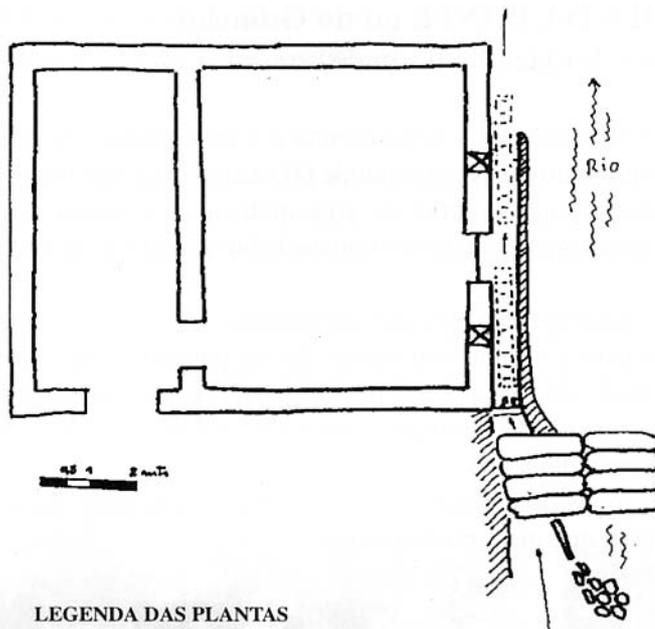
O açude é igualmente de grandes dimensões.

A entrada para a azenha, em ruínas, faz-se por uma sala contígua, do lado mais afastado do rio, que por não ter janelas nem vestígios de lareira não nos parece ter sido de habitação permanente, sendo mais provavelmente um local de armazenamento.

Teve duas rodas de moagem de cereais mas ultimamente teria uma só roda a funcionar, que moveria duas mós.



Azenha da ponte, em ruínas



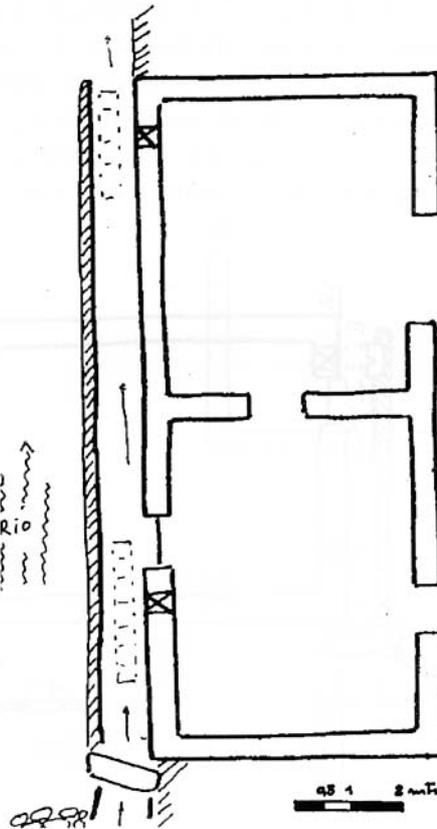
LEGENDA DAS PLANTAS

	Buracos nas paredes, indicando locais por onde passam as águas ou os eixos das rodas.
	Açudefe de pedra solta
	Canais (guias) para condução das águas.
	Roda.
	O tracejado é usado para representar elementos desaparecidos

4. AZENHA CAIADA (Enfia, Fragoso, Barcelos)

Apesar do nome, é característica comum a todas as azenhas o serem rebocadas e caiadas. Esta azenha, em ruínas, é composta por duas divisões,

cada uma com uma roda, servida pelo mesmo canal. Foi de habitação ocasional e teria deixado de moer há cerca de 25 anos.



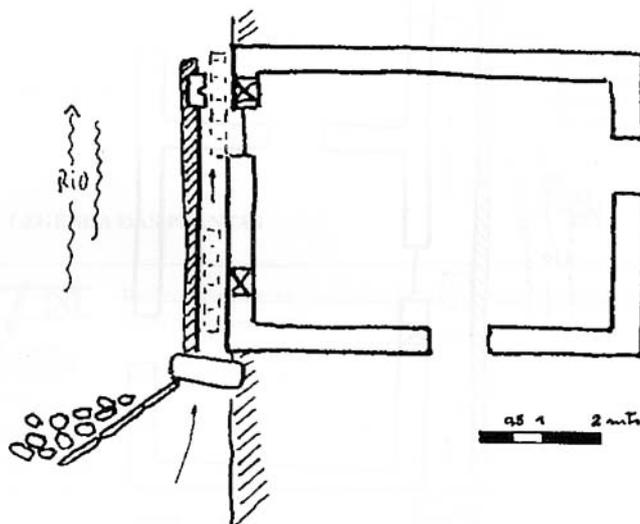
5. AZENHA DA BIXANA (Costeira, Alvarães, Viana do Castelo)

O seu nome vem da alcunha de uma das moleiras.
Azenha de pequenas dimensões, com duas rodas em ruínas.

Afastado alguns metros em direcção ao interior existe um segundo edifício, completamente arruinado que deverá ter tido a função de habitação de moleiro.

O açude que serve esta azenha está numa posição quase perpendicular às margens, tendo por isso uma função mais de reserva do que de encaminhamento das águas. O encaminhamento da água é feito por uma pequena gola (canal afunilado, geralmente com o fundo lageado para conduzir a água) que leva a água até ao canal onde funcionam as rodas.

Deixou de moer há cerca de 25 anos. Tinha também um engenho ocasional de linho.



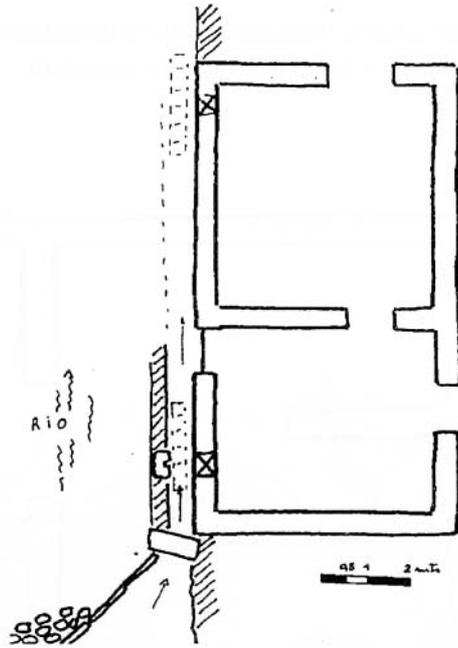
6. AZENHA DO SILVEIRA ou da Almerinda (Costeira, Alvarães, Viana do Castelo)

Composta por dois corpos em ruínas, o primeiro de moagem, com uma roda apenas, o segundo de serração com uma porta bastante mais larga e também de uma só roda.

Dentro do corpo da moagem ainda podemos ver uma mó caída em cima de uma entrosga.

Outro vestígio curioso encontrado nesta azenha foi um bocado ferrugento de uma ferradura numa fenda da parede, a denunciar o meio de transporte do moleiro.

A esta azenha está ligada a lenda de a moleira, de seu nome Almerinda, ter descido ao cabouco de noite e aí ter prendido a saia aos dentes da entrosga, que a puxou e matou.



7. AZENHA MORENA ou da Amélia (Costeira, Alvarães, Viana do Castelo)

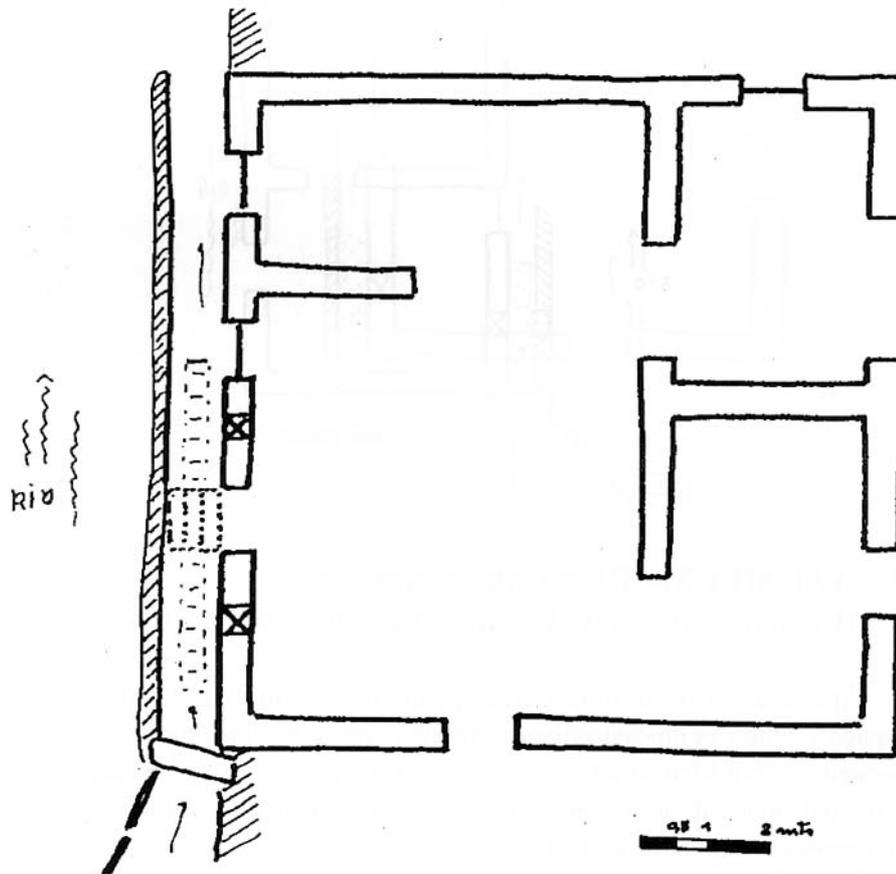
Apesar de estar em ruínas, a sua planta mostra uma curiosa divisão de espaços, sendo composta por um grande corpo com duas divisórias mais pequenas, com ligação ao corpo principal e ao exterior. Dentro do corpo principal uma parede cria uma segunda sala de pequenas dimensões sem apresentar vestígios de ter tido rodas.

Em todo este conjunto uma parte era destinada a habitação.

Na fachada virada ao rio existe uma porta, à qual se acedia por uns degraus, hoje desaparecidos. Esta porta está entre as rodas, no local onde geralmente existe uma janela para controlar o funcionamento e limpeza do canal e das rodas.

A complexidade do conjunto, com grandes espaços de armazenagem e também pela grande dimensão das portas nota-se que estamos em presença de uma serração.

No meio do rio um pilar lembra uma ponte de dimensões bastante maiores que as pequenas pontes (ou pontelhas) que aí existiram.



8. AZENHA DO GAIO ou do Januário (Enfia, Forjães, Esposende)

Azenha de duas rodas que se mantém em funcionamento, embora ocasional ⁽¹⁾.

Tivemos a informação de que o moleiro já vendeu a azenha, mantendo o direito de a utilizar. A sua estrutura foi consolidada, nomeadamente o telhado, mas a parte funcional não teve a mesma sorte, estando, por exemplo as rodas em muito mau estado, atadas com arames e com muitas penas em falta, o que faz prever que em pouco tempo esta azenha venha a ser adaptada a habitação.

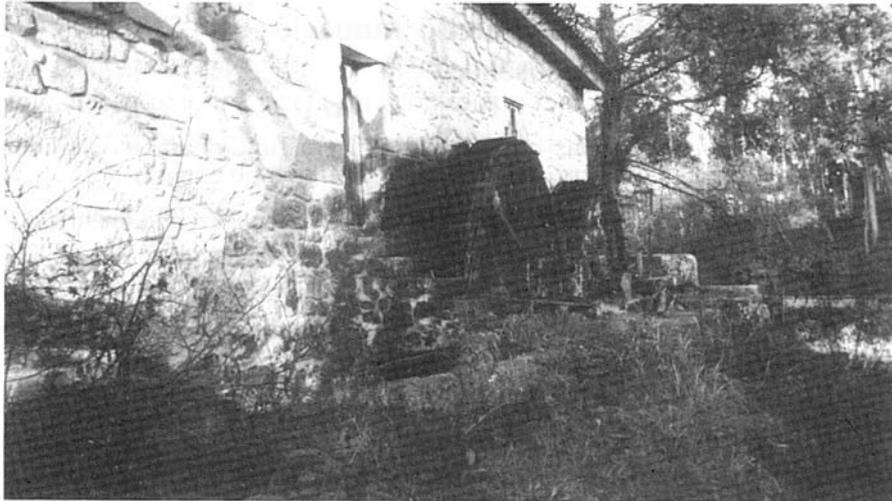
À semelhança da anterior tem também uma porta de acesso pelo lado do rio, com três degraus, só que aqui está a seguir às rodas e não entre elas. Entre as rodas, estrategicamente há a tradicional janela que sempre vemos estar nesta posição.

Terá havido uma terceira roda para moer trigo.

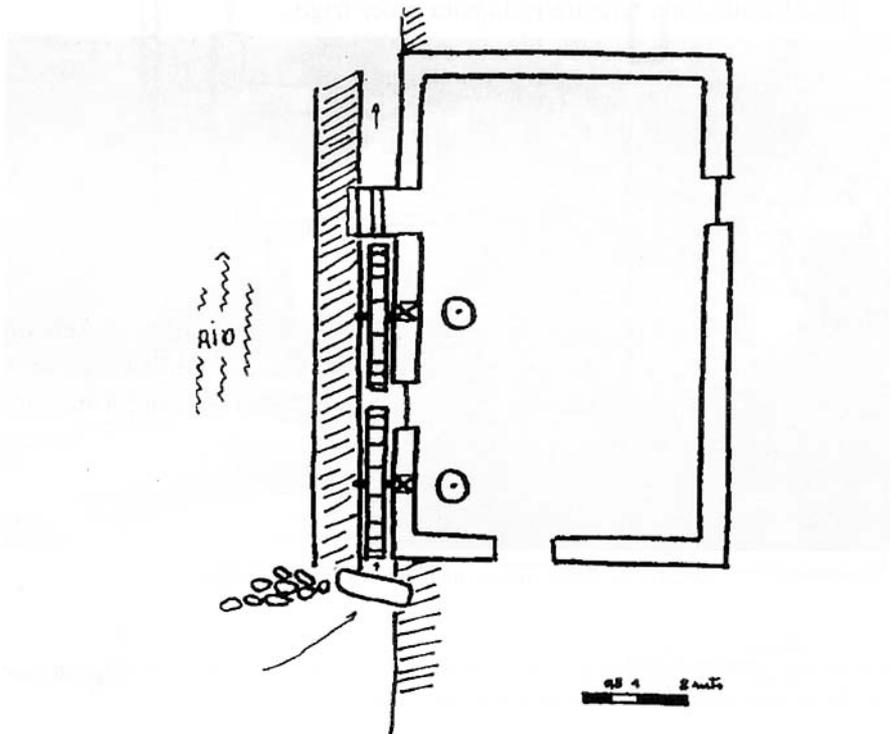


Azenha do Gaio, que se mantém em funcionamento

(1) Sobre esta azenha ver também o artigo Sistemas Tradicionais de Farinação in Farol de Esposende, ano 2, n.º 32, de 23 de Abril de 92, da autoria de Rui Faria Viana.



Azenha do Gaio com as rodas em funcionamento



9. AZENHA DA PONTE (Neiva, Forjães, Esposende)

Esta é outra azenha que ainda mantém uma roda das duas que originalmente teve e foi-nos dito que moi ocasionalmente, mas apenas para os seus proprietários, que levaram a cabo algumas obras de restauro.

Uma ponte de grandes dimensões liga esta azenha à outra margem, onde está um engenho.

Também teve perto um engenho ocasional de linho.

10. ENGENHO DO QUEIRÓS (Enfia, Forjães, Esposende)

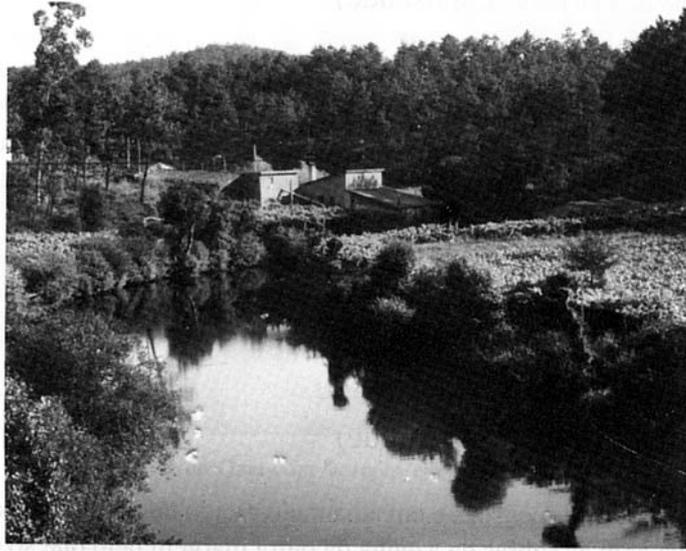
De pequenas dimensões e em adiantado estado de ruína de uma só roda. Só serrava com as sobras da azenha da outra margem pelo que só era usado no Inverno, quando o rio tinha maior caudal.

11. AZENHA DA RIBEIRINHA (Ponte, Forjães, Esposende)

Esta é outra das azenhas que está em funcionamento constante. Tem um corpo único (à volta do qual foram construídos outros edifícios), onde trabalham duas rodas. Estas duas rodas são alimentadas de uma forma original, por canais paralelos, com tomadas de água independentes; este sistema permite que a segunda roda funcione estando a primeira parada. É a única azenha que conhecemos com este sistema, havendo um semelhante na azenha Nova (19).

Teve também um engenho de linho que funcionou ocasionalmente ligado à segunda roda.

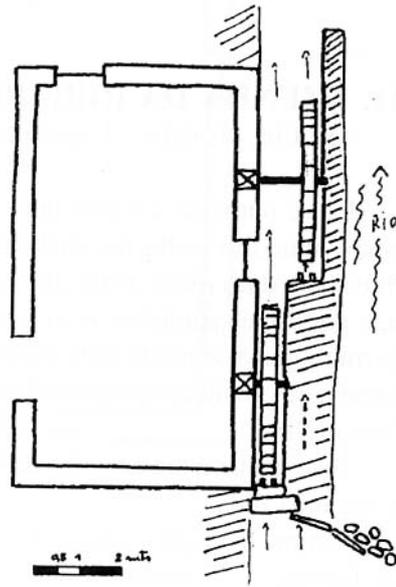
Sempre lá viveu, e ainda vive, o moleiro, neste caso uma moleira, Maria de Fátima.



Azenha da Ribeirinha e Engenho do Floriano. A primeira ainda mói.
O Engenho já está abandonado



As rodas da Azenha Ribeirinha e
o seu funcionamento por correias
paralelas

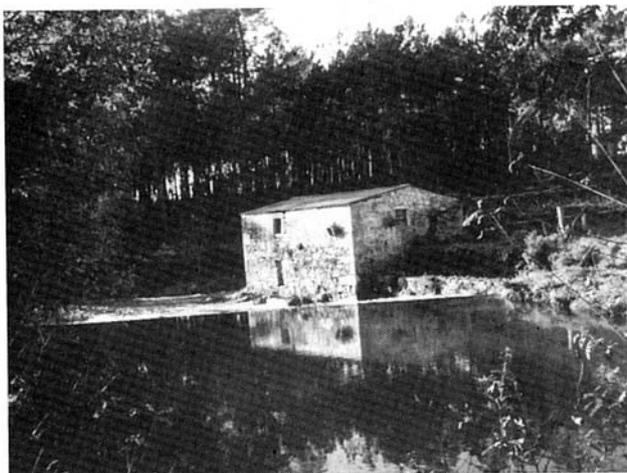


12. ENGENHO DO FLORIANO

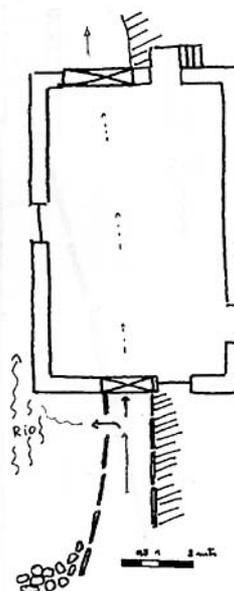
(Ponte, Forjães, Esposende)

Servido pelo mesmo açude da anterior, é movida por um sistema diferente, talvez por o rio aqui fazer uma curva e a azenha estar colocada do lado desfavorável. Assim a água é captada e conduzida por uma gola bastante apertada e funda para o interior do edifício.

Infelizmente nada resta da maquinaria original o que é uma pena por ser a única que tinha as rodas no interior. O edifício está abandonado.



Engenho do Floriano, notando-se o canal que conduz a água para o seu interior

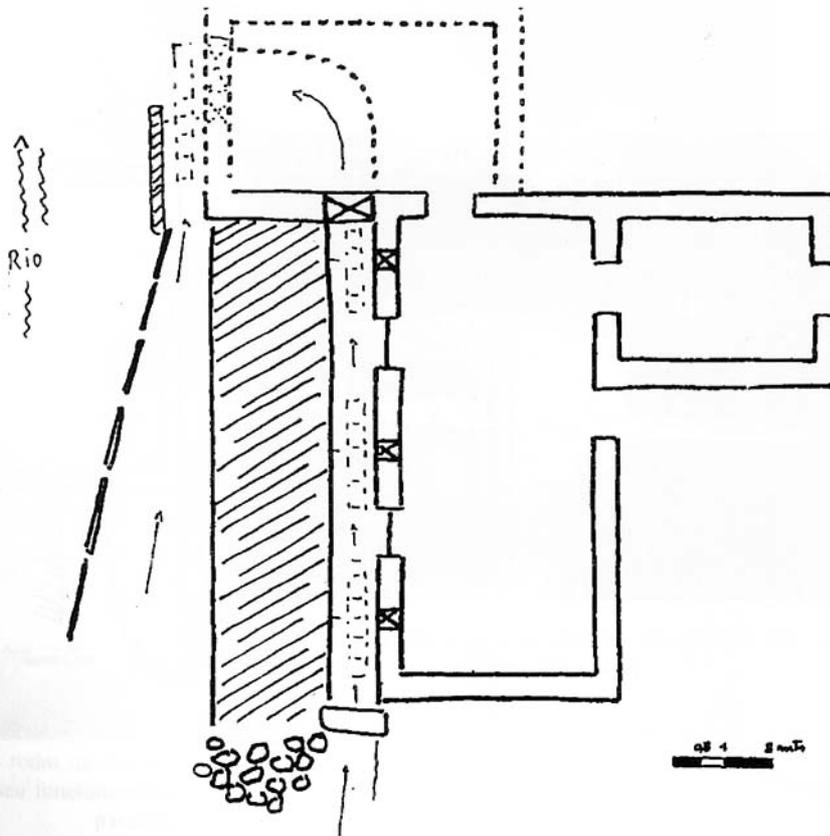


13. AZENHA DO GRILO

(Grilo, S. Romão Neiva, Viana do Castelo)

Esta azenha é composta por três corpos distintos: o principal é servido por um canal que alimenta três rodas, seguindo depois a água por baixo do segundo edifício, completamente em ruínas. Este segundo corpo, uma serração, avança sobre o rio e a sua roda, é alimentada por uma gola de grandes dimensões, independente do canal anterior. Há ainda um terceiro corpo com indícios de ser posterior, do lado oposto ao rio, de dois pisos que terá servido para habitação.

Um pontelha, da largura de duas lages, une as duas margens.

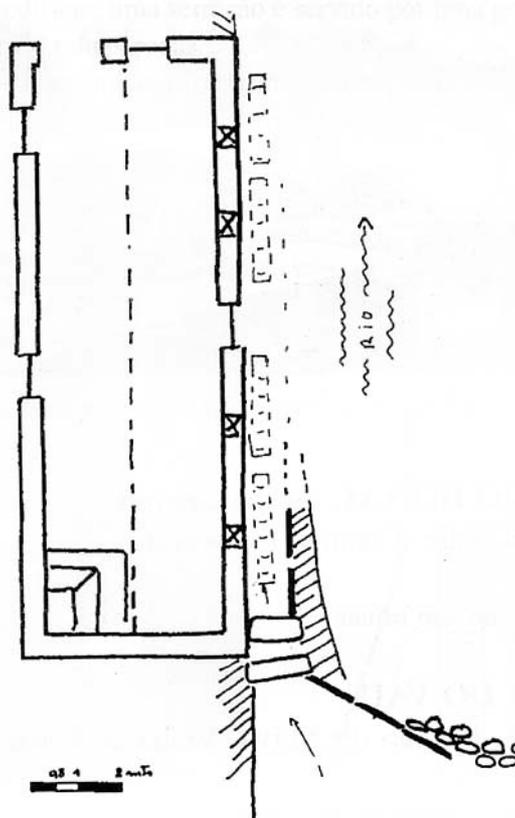


14. ENGENHO DE TALHÕES

(Monte, S. Paio d'Antas, Esposende)

Servida pelo mesmo açude da anterior, na margem oposta, com um só corpo com vestígios de ter tido quatro rodas.

Deste edifício apenas as paredes restam, apresentando duas particularidades: a um canto uma pedra de lareira com chaminé, poderia indicar ser habitada, mas não tem qualquer divisória interior que possa ter servido de quarto. O seu interior tem um desnível ao longo de toda a fachada do lado do rio com cerca de 1,5 metros, onde as maquinarias funcionariam todas numa única sala, não sendo escavados compartimentos separados para cada uma delas como é normal acontecer.



15. e 16. AZENHA DO MINANTE

Veremos em capítulo separado estas azenhas, principalmente a do Minante, que se mantém com as características menos alteradas, estando em funcionamento habitual.

Trata-se de um interessante conjunto de moagem, em funcionamento, serração de madeira, que ainda existe, mas em ruínas, e de linho, completamente desaparecido. O moleiro é o Senhor Manuel Neiva. A esta azenha voltaremos com maior atenção, no próximo Tomo.



Azenha do Minante, do sr. Manuel Neiva, ainda em funcionamento

17. ENGENHO DO VAU ou do Crespo (Pereira, S. Paio d'Antas, Esposende)

De uma só roda, em ruínas

18. AZENHA DO VAU (Gandra, S. Romão do Neiva, Viana do Castelo)

Teve duas rodas, também em ruínas

19. AZENHA NOVA ou da Ponte (Gandra, São Romão do Neiva, Viana do Castelo)

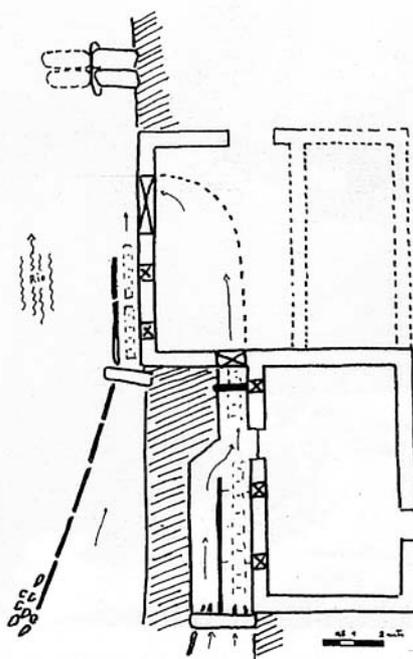
Azenha de grandes dimensões, em ruínas, de dois corpos. O primeiro edifício, de moagem, tem três rodas, servidas por dois canais paralelos, num sistema idêntico ao que vimos na azenha da Ribeirinha (11). Todas as rodas estão no mesmo local, que é servido por duas tomadas de água independentes, em que a segunda apenas serve a terceira roda, indo fortalecer o caudal enfraquecido que já moveu as duas primeiras, seguindo depois as águas por baixo do segundo edifício, numa solução que também já temos encontrado. Desta terceira roda ainda podemos ver o eixo e alguns restos que a corrente ainda não acabou de desfazer, bem como uma mó caída no fundo do canal.

O segundo edifício, uma serração é servido por uma gola própria, tendo vestígios de ter tido duas rodas.

Nota-se ainda em ambas as margens o arranque de uma pontelha de duas lages, cujas pedras ainda se encontram no fundo do rio.



Engenho de Santa Tecla



20. AZENHA DA PONTE

(Gandra, Castelo do Neiva, Viana do Castelo)

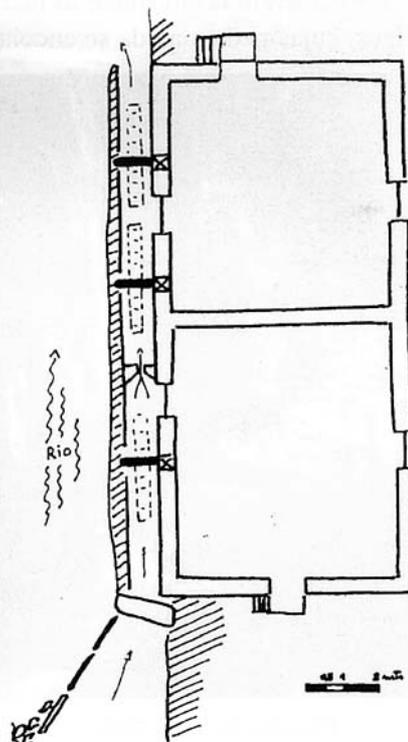
Esta azenha está a ser aproveitada por uma fábrica para cantina, no piso superior.

Ao nível da maquinaria, ainda são visíveis os eixos das três rodas, sendo possível que no interior ainda haja algumas partes intactas.

A Azenha é composta por dois corpos seguidos, tendo o primeiro uma só roda e o segundo duas, alimentadas por um só canal com um estrangulamento a seguir à primeira roda, onde a água ganha mais força.



Os três eixos das rodas da Azenha da Ponte



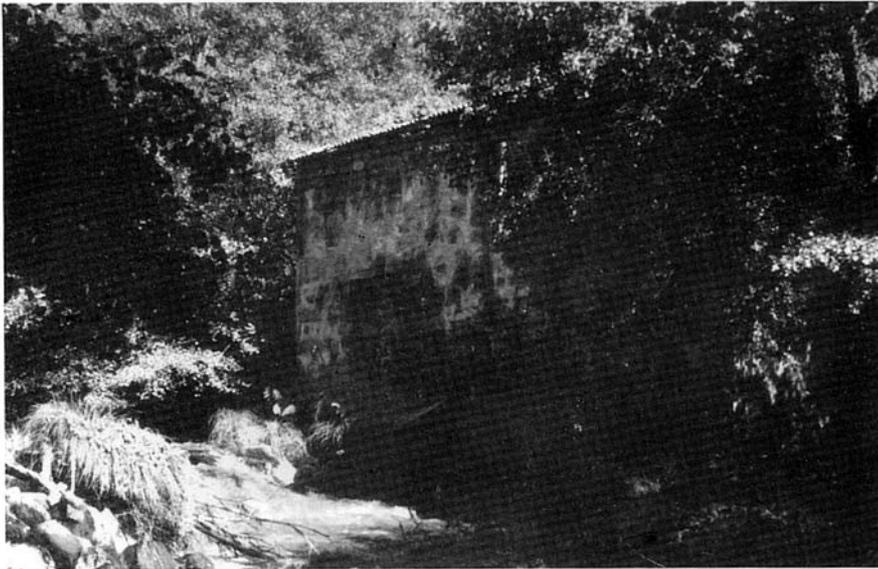
21. AZENHA DA CARVALHA

(Estrada, S. Paio d'Antas, Esposende)

Colocada numa encosta acentuada este edifício é o que está a uma cota mais alta em relação ao rio.

O declive e a densidade de vegetação não permitiram uma aproximação suficiente para examinar os canais de água e as marcas das rodas.

Tivemos a informação de que seria adaptada a casa de habitação e de que tinha três rodas.



Azenha da Carvalha

22. e 23. AZENHAS

Inacessíveis, no sopé do monte da Guilheta, calculo que em ruínas

24. AZENHA DO CASTELO ou Caseiro
(Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo)

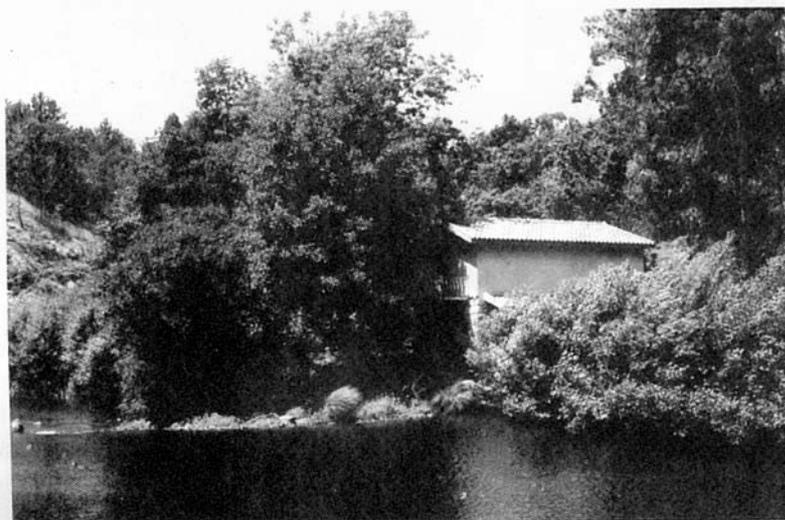
Em ruínas, tinha duas rodas e dois pares de mós.

25. AZENHA DO ADRIANO
(Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo)

Tinha duas rodas e três mós.

26. AZENHA DO PALHURDO
(Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo)

Utilizada para habitação, de uma só roda, deixou de moer há cerca de 12 anos.



Azenha do Palhurdo, adaptada para habitação

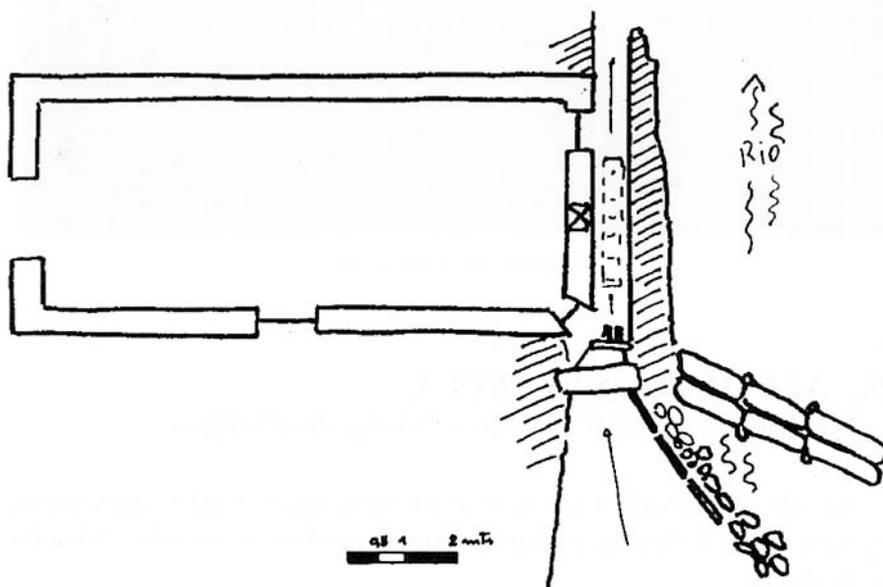
27. AZENHA DO SEBASTIÃO

(Guilheta, S. Paio d'Antas, Esposende)

Pequena azenha, hoje utilizada para habitação, de uma só roda. No cunhal virado para o rio tem uma janela de esquina que controla perfeitamente a ponte que lhe está fronteira e a liga à outra margem.

Muito curiosa é, na margem oposta e servida pelo mesmo açude, uma construção de crca de 1.30 de altura e 2,70 de comprimento, arredondada do lado da força do rio, que serviu para a captura de peixe. O açude canaliza a água para o seu interior onde uma roda com quatro copos do tipo dos das noras, mas feitos de rede, ia apanhando os peixe que por aqui passavam, despejando-os depois, quando na posição mais alta, numa quelha que os conduz a um tanque onde se mantêm vivos até serem apanhados ⁽¹⁾.

Este curioso engenho de pesca é mais uma prova evidente da inteligência das gentes do Neiva, na sua relação com o rio.



(1) Ver também o artigo Engenho Automático da Pesca, in Farol de Esposende, ano 2, n.º 30, de 26 de Março de 1992, de Rui Faria Viana.

28. ENGENHO DE S.TA TECLA

(Guilheta, S. Paio d'Antas, Esposende)

De uma só roda a mover duas serras, está hoje adaptada a casa de habitação.



Engenho de Santa Tecla

29. AZENHA DE STA TECLA

(Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo)

Servida pelo mesmo açude da anterior, tinha uma só roda e também está adaptada a casa de habitação. São as últimas azenhas, a cerca de 1,5 km da foz do rio.

BIBLIOGRAFIA

CDU 736.5 : 069.5.012 (469.111.19)

- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e outro — *Sistemas de moagem*, Lisboa, INIC, 1983.
- VIANA, Rui e outro *Sistemas Tradicionais de Farinação* — in *Farol de Esposende* n.º 31 e 32, ano 2.
- SAMPAIO, Francisco — *Artesanato e Turismo* — in *Cadernos Vianenses*, vol. VII, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1986.
- PEREIRA, Benjamim Enes — *Em Defesa e Para a Valorização do Património Etno Museológico do Alto Minho*, in *Mealibra* n.º 1, 2.ª série, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 1987.
- CRESPO, José — *Crónica dos Velhos Moinhos de Vento e Água das Terras de Entre Douro e Minho Litoral*, in *Roteiro de Viana*, 1986.
- FELGUEIRAS, Guilherme — *Moinhos e Azenhas Inertes ou Decadentes*, in *Cadernos Vianenses*, vol. VIII, 1987.
- LLANO, Pedro de — *Arquitectura Popular de Galicia*, Santiago de Compostela, Colégio de Arquitectos, 1983.
- GONÇALVES, Gabriel — *Cancioneiro Popular Temático da Ribeira Lima*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1992.
- AA VV — *O Vale do Neiva*, subsídios monográficos, Barcelos, 1982.
- FIGUEIRAS, Paulo de Passos — *O Rio Neiva*, monografia, Porto, 1978.
- VITERBO, F. Sousa — *Arqueologia Industrial Portuguesa e Moinhos*, 1901.
- DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL — *Moagem Tradicional. Moinhos*.
Carta Militar de Portugal N.º 54, esc. 1:25.000, 1948.
- ALVES, Victor Simões — *Moinhos de Água do Parque Natural de Montesinho*, P.N.M., 1995.
- SANTOS, Luís Filipe Ramos — *Moinhos de Maré da Ria Formosa*, P.N.R.F., 1992.